VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

O TEMA DAS SENSIBILIDADES NA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA CONTEMPORÂNEA

Raniery Bezerra da Silva*
Joedna Reis de Meneses (Orientadora)**

A História, tomada como um objeto de estudo, não é diferente dos acontecimentos com que lida. Ela se encontra presa às temporalidades que a cerca e forma, aos interesses dos que a constroem, à efemeridade de suas verdades. Na busca de realizar uma análise historiográfica sobre o tema das sensibilidades as obras foram tomadas como acontecimentos a serem estudados e, os próprios efeitos de sentidos – enunciados – que estas obras fundaram, também são tomados como acontecimentos. Na análise do discurso historiográfico sobre as sensibilidades, estamos buscando realizar aproximações entre diferentes obras e, principalmente, buscando observar as mudanças de enfoque, as mudanças que as obras provocaram tanto na forma de pensar a historiografia como na forma de se pensar as sensibilidades.

---

* Graduando na UEPB - Universidade Estadual da Paraíba e bolsista do PIBIC desde 2008.

** Possui Graduação em História pela Universidade Federal da Paraíba (1995), Mestrado em História (1999) e Doutorado em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2005). Atualmente é Professora Dra. Nível B da Universidade Estadual da Paraíba. Tem experiência na área de História, com ênfase em História Cultural: subjetividades e sensibilidades. Ministra aulas na graduação e pós-graduação de Teoria e Metodologia da História, atuando principalmente nos seguintes temas: análise Historiográfica, História Regional do Brasil (Nordeste) - análise do discurso regionalista nordestino, Historiografia, Sujetividades, Corporeidades e Sensibilidades.

ISBN: 978-85-98711-10-2

No ano de 1978, o historiador francês, Jean Delemeau, publicou uma obra que se tornaria referência para os estudos sobre os sentimentos pelos historiadores. “História do medo no Ocidente: 1300-1800”. Estando na esteira de uma geração que pretendia, conforme assinala Le Goff (1998), renovar alguns domínios tradicionais da história, sendo redefinida a partir de novas problemáticas e de novas metodologias, e principalmente pelo aparecimento no campo da história, a temáticas reservados tradicionalmente ao campo da antropologia, Jean Delemeau trabalhou com um tempo de longa duração, seguindo a tradição fundamentada por Fernand Braudel, pretendendo estudar o medo em um período de 500 anos. Seguindo os passos de Braudel, Delemeau produz uma renovação em sua pesquisa, ou seja, passa a abordar um novo tema: o medo. De maneira semelhante a outros sentimentos, comumente as emoções não eram tidos como objeto de preocupação dos historiadores.

Mas Delemeau não apenas foi renovador apenas por propor um tema novo para a história entender o medo no ocidente, incorporou aos seus estudos fontes ainda pouco utilizadas por historiadores da sua época, tais como: literatura, filosofia e imagens.

Delemeau nesta obra demonstra que para trabalhar com temáticas ainda pouco reconhecidas entre os historiadores é necessário forjar novas metodologias de pesquisa e procurar outros lugares de falas, fugir da tradicional documentação oficial, e direcionar-se a localidades antes desabitadas pelos historiadores. Uma nova abordagem exige uma inovação metodológica, além de incorporação de novos sistemas de referências.

Na introdução deste trabalho, o historiador francês, diz que o medo acompanha-nos por toda nossa existência, mas sua concepção é relativo às curvas que a história faz: em alguns tempos o medo aparece em forma de murmúrio, sem muitos ecos e ressonâncias, em outros momentos, o medo é gritado, ecoando por vários territórios, sendo sentido por uma quantidade maior de pessoas.

O medo para Delemeau atua de forma ambígua, “Inerente à nossa natureza, é uma defesa essencial, uma garantia contra os perigos, um reflexo indispensável que permite ao organismo escapar provisoriamente à morte (...) Mas se ultrapassa uma dose, ele se torna patológico e cria bloqueios.” (DELEMEAU, 1989: 19).

ISBN: 978-85-98711-10-2

Neste momento, Delemeau refere-se ao medo como parte integrante da natureza humana, mas mesmo assim ele é histórico, situados em determinados tempos e sociedades, sentidos e concebidos diferentemente por grupos diversos.

Assim, se perguntando "quem tem medo do que?", Delemeau nos dar uma pista da historicidade dos sentimentos, e foge de algumas de suas generalizações iniciais.

> Os próprios medos espontâneos distribuem-se bastante naturalmente entre dois grupos. Alguns eram de alguma maneira permanentes, ligado ao mesmo tempo a um certo nível técnico e ao instrumental mental que lhe correspondia: medo do mar, das estrelas, dos presságios, dos fantasmas etc. Os outros eram quase cíclicos, voltando periodicamente com as pestes, as penúrias, os aumentos de impostos e as passagens de guerreiros. Os medos permanentes eram mais frequentemente compartilhados por indivíduos pertencentes a todas as categorias sociais (...) (DELEMEAU, 1989: 32).

Este pequeno trecho da obra de Delemeau nos dar uma idéia de como este historiador concebe a história do medo. Para ele, trata-se de uma história que se localiza de maneira diferenciada em diferentes momentos históricos e grupos sociais. O medo segue ritmos diferenciados, sendo alguns permanentes e outros cíclicos.

Outro historiador que produziu uma série de obras que aborda a história das emoções é o historiador alemão Peter Gay.

Gay escreveu uma obra extensa intitulada "A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud", dividida em cinco volumes: Vol. 1 "A educação dos sentidos" (1988); Vol. 2"A paixão terna" (1990); Vol. 3"O cultivo do ódio" (1995); Vol.4 "Coração desvelado" (1999); Vol.5"Guerras do prazer" (2001).

Nesta obra de fôlego, Peter Gay faz uma história da classe burguesa interdisciplinar, buscando relacionar história e psicanálise, sendo orientado pelo pensamento freudiano. Inclusive, a elaboração dos volumes, é a partir dos elementos básicos da experiência humana que Freud apontava, ou seja, o amor, a agressão e o conflito. Sobre esta relação entre história e psicanálise Gay assinala que:

> Para abranger todas as dimensões da experiência histórica é necessário unir as atitudes e técnicas tradicionais do historiador à natureza e ao desenvolvimento humano como são vistos pelo psicanalista, cada qual fornecendo ao outro informações e críticas. (...) Pode, todavia,

ISBN: 978-85-98711-10-2

> aproximar-se dela até certo ponto. Pode interpretar sonhos, sobretudo se o próprio sonhador já os colocou num contexto associativo; pode estudar a seqüência de temas num diário intimo como se fosse um fluxo de associações livres; pode examinar documentos públicos como condensações de desejos, e como exercício de negação ...” (GAY, 1988: 16).

Peter Gay ainda informa que seu objetivo é integrar psicologia à história, mas isto não se trata em fomentar uma psico-história, mas produzir uma história informada pela psicanálise.

Junto com o estudo dos sentimentos e da sexualidade orientados pelo pensamento freudiano, está presente na obra de Peter Gay o conceito de experiência. Experiência que participaria na criação dos objetos, além de dá forma aos anseios e as coisas, seria segundo Gay, o encontro da mente com o mundo, emergindo do confronto e da colaboração entre reflexão consciente e a necessidade inconsciente.

Desta maneira, trabalhar com as experiências na história seria uma pratica que ficaria atenta ao tráfego constante entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula.

É importante frisar que as obras de Delemeau (1989) e Peter Gay (1988,1990,1995,1999,2001) começaram a ser publicadas no Brasil no momento em que a historiografia brasileira começou a ser tomada pelas problemáticas oferecidas pela História Cultural, cuja abordagem favorecem o estudo das sensações, dos sentimentos e da sexualidade e consequentemente a atenção dos historiadores brasileiros para com Delemeau e Peter Gay aumentaram progressivamente nos últimos anos, tendo em vista que como frisa Pesavento (2004), o perfil e os atributos de Clio, a musa da história, estaria ligada a história cultural. História cultural, que segundo Pesavento, cobre cerca de 80% da produção historiográfica recente no Brasil.

Alguns trabalhos produzidos a partir dos traços da história cultural no Brasil são importantes para a nossa análise sobre as sensibilidades. Podemos citar em primeiro lugar “A história do Amor no Brasil” (2006), escrito por Mary Del Priore. Uma obra na qual esta historiadora brasileira tentaria estudar as várias experiências amorosas no Brasil, da chegada dos portugueses à estas terras até o início do século XXI.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Como a própria autora diz na introdução deste trabalho, um trabalho que apresenta inúmeros desafios, o principal deles, sem dúvida alguma, é o de trabalhar com um tempo tão longo. Este inclusive seria o alvo de muitas críticas dirigidas ao trabalho de Del Priore, críticas feitas,, no geral, aos trabalhos de longa duração como o Delemeau. Pensando a partir de uma perspectiva panorâmica, onde as mutações das formas de sentir e amar estão claramente elucidados, o livro pode ser considerado um sucesso.

Porém, se pensarmos o quanto uma pesquisa que tente abordar tamanho tempo perde, perceberíamos que as perdas no fazer uma história de longa duração são gigantescas, já que especificidades das experiências amorosas no caso de Del Priore, ou mesmo o medo no caso de Delemeau, são ofuscadas. Na tentativa de cobrir o geral, a história de longa duração acaba por ofuscar as singularidades.

De toda maneira, "História do Amor no Brasil" é uma obra emblemática e de extrema importância para recente historiografia brasileira que pretende trabalhar com os sentimentos. Um dos méritos desta obra, assim como os trabalhos de Gay e Delemeau é a variedade de fontes utilizadas, e as novas metodologias por eles propostas para o trato destas fontes. Basta prestarmos atenção como Peter Gay utiliza a literatura, para, a partir dela, pensar as experiências vividas no século XIX, além de está sempre atento aos conflitos que engendravam a produção da literatura na época, ou mesmo visualizar as análises de Del Priore sobre a música e a dança no início do século XX, e como estas linguagens expressavam novas formas de amar e de seduzir.

Entre 2006 e 2008 duas coletâneas publicadas neste período merecem nossa especial atenção.

A primeira delas "História e Sensibilidades" (2006), organizada por Marina H. Ertzogue e Temes G. Parente, reúne uma série de textos que pretendem abordar a histórias das sensibilidades, desde a saudade, analisada em sua relação com o tempo e com a história, debatida por Durval Muniz Albulquerque Junior, até os estudos sobre a solidão e o efêmero pensados por Antônio Paulo Rezende.

Na apresentação desta obra, suas organizadoras escrevem sobre algumas reflexões teóricas que nos é de fundamental importância.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Em primeiro lugar, o que é um historiador das sensibilidades? Perguntam-se as autoras. Recorrem ao historiador francês Alain Corbin para responder tal questionamento. Para Corbin: "o historiador das sensibilidades toma como ponto de partida a maneira como as pessoas se representam, em distintos momentos históricos, cabendo-lhe interpretar a coerência, as conexões dessas representações em seu universo." (ERTZOGUE e PARENTE: 2006: 17). Possivelmente não há história sem sensibilidade, não há historiador que não seja cercado e demarcado por uma multiplicidade de afetos, que ao mesmo tempo estampa este sujeito com suas marcas e o ajuda a perceber o mundo e a entendê-lo. A história não se faz sem percepções, sem significados e sentidos dados e recebidos do e para o mundo, atuar como historiador das sensibilidades seria assumir que o próprio objeto de estudo, por mais distante temporalmente que seja, faz parte do próprio historiador, nem que seja diante de uma relação mediada pela alteridade. Pensar a história das sensibilidades seria mais uma das cartadas que os historiadores contemporâneos dão para se afastarem do legado positivista, ""A história faz-se com sensibilidades", replicaríamos à célebre frase de Leopold Von Ranke "a história faz-se com documentos"." (ERTZOGUE e PARENTE: 2006: 18).

Destaca-se também nesta coletânea, o trablhado de Antônio Paulo Rezende sobre a história da solidão. A realidade se dá em seus pedaços, diz Rezende, e são nesses pedaços que ao mesmo tempo, nós historiadores, nos debruçamos e nos constituímos. As analises de Rezende é fruto de tênue relação entre a literatura e a história. Ele cartografa as afetividades a partir das suas permutações, incertezas, e metáforas. Daí a prioridade dada a literatura, assim como às sensações. A literatura não serve apenas como fonte, mas como possibilidade de reflexão teórica. Desta maneira Rezende coloca autores como Guimarães Rosa e Gabriel Garcia Marquez ao lado de filósofos como Nietzsche e Paul Ricouer.

> As diversas reflexões nietzschianas sobre a questão da linguagem vêm adicionar mais força a citação de Guimarães. As palavras não só dão forma à narrativa, como também têm uma história, seguida no ritmo do tempo que flui, quase sempre surpreendentemente. (REZENDE: 2006:47)

ISBN: 978-85-98711-10-2

Este historiador parece perceber aquilo que o Michel Foucault (2007) percebe sobre o discurso, que o discurso não é apenas um fenômeno de expressão, uma tradução verbal manifestada majestosamente por um sujeito, mas sim, um conjunto que pode determinar a dispersão do sujeito, um espaço de exterioridade. Para Foucault a linguagem não é apenas uma expressão que revela as coisas, a palavra cria as coisas e em muito se confunde com elas. Deleuze (2006) analisando a proposição, diz que o sentido não existe fora dela, o expresso não existe fora de sua expressão.

Em uma perspectiva semelhante a de Rezende, Albuquerque Júnior estuda a saudade, e destaca o fato deste sentimento ser expressado apenas pela língua portuguesa, palavra originaria do latim, da palavra *solitate*, aproximando-se, assim da idéia de solidão. A saudade nasceria de determinados afetos, por motivo de solidão, ou de ausência.

Este historiador diz que o fato de apenas a língua portuguesa apresentar uma palavra específica para exprimir este sentimento levou a saudade como elemento definidor da alma portuguesa.

A segunda coletânea de texto que mercere destaque na aaálise da historiografia das sensibilidades é o livro “História: Cultura e sentimento: outras Histórias do Brasil”, publicado no ano de 2008. Nele nos deparamos com dois textos de Antônio Paulo Rezende. O primeiro intitula-se “Cidade e modernidade: Registros Históricos do Amor e da Solidão no Recife dos anos 1930”, tal texto, que foi apresentado na abertura deste encontro, estabelece um diálogo com os registros da modernidade e seus cenários urbanos, onde é destacada as praticas do amor e da solidão.

Neste texto, Rezende não apenas faz uma reflexão sobre o fazer do historiador, como foi percebido no artigo anterior, mas tenta perceber uma história da solidão e do amor no Recife dos anos 1930, mas sua principal importância é como o autor consegue articular a literatura como reflexão teórica para pensar os fenômenos históricos em estudo.

O primeiro literato utilizado por Rezende foi Ítalo Calvino e suas Cidades Invisíveis, para analisar a construção da cidade moderna. Desta maneira, as incertezas trazidas pela modernidade, diz Rezende, afeta diretamente as concepções tradicionais do amor “redefinindo os lugares do masculino e do feminino, mudando suas práticas e suas

ISBN: 978-85-98711-10-2

narrativas, desfazendo afirmações mudando suas prática e suas narrativas" (REZENDE, 2008: 62).

O amor naquele momento era abalado pela chegada da modernidade, e com ela ouve uma série de redefinições nos lugares sociais que possibilitaram outras formas de sentir.

Nossa problemática, a partir deste texto, se estabelece não mais pelos impactos da modernidade nascente, como era o caso do Recife da década de 1930, mas como, depois de estabelecido esta modernidade, as ressonâncias de sua chegada afetam diretamente nossa sociedade, e quais as novas relações que os homens estabelecem com o amor e a solidão no tempo presente, que provavelmente não são as mesmas que viveram as pessoas naquele momento.

Do exposto, percebe-se que a História das Sensibilidades deu um novo sentido a história tornando possível o estudo dos sentimentos e afetos, uma vez que

> As sensibilidades são uma forma do ser no mundo e de estar no mundo, indo da percepção individual à sensibilidade partilhada. A rigor, a preocupação com as sensibilidades da História Cultural trouxe para os domínios de Clio a emergência da subjetividade nas preocupações do historiador. É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que esta tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos." (PESAVENTO, 2003)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos.* Cantos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). *Passados recompostos.* Cantos e canteiros da história. Rio de Janeiro: UFRJ; FGV, 1998.

BURKE, Peter. (Org.) A Escrita da História: novas perspectivas. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista. 1992.

BURKE, Peter. Variedades de História Cultural. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

ISBN: 978-85-98711-10-2

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história.* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano:* artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro:* do leitor ao navegador. São Paulo: UNESP, 1998.

CHARTIER, Roger. *Os desafios da escrita.* São Paulo: UNESP, 2002.

CHARTIER. Roger. "A História hoje: dúvidas, desafios, propostas." in Estudos Históricos. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, vol 7, n. 13, 1994, pp. 97-113.

CHARTIER. Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DEL PRIORE, Mary. *História do amor no Brasil.* São Paulo: Contexto, 2005.

DELEMEAU, Jean. A História do medo no ocidente 1300-1800. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. & PARENTE, Temis Gomes. (Orgs.) História e sensibilidade. Brasília: Paralelo 15, 2006.

GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: Coração desvelado. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.

GAY, Peter. A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: O cultivo do ódio. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros*: verdadeiro, falso, fictício. São Paulo, Cia. das Letras, 2007.

GOMES, Angela Maria de Castro. *História e Historiadores.* Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HUNT, Lynn. *A nova história cultural.* São Paulo: Martins Fontes, 1992.

LE GOFF, J. e NORA, P. (orgs.). *História:* novos problemas. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

LE GOFF, Jacques, LADURIE, Lê Roy, DUBY, Georges. A Nova História. Lisboa: Edições 70, 1977.

LE GOFF, Jacques. *A história nova.* São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ISBN: 978-85-98711-10-2

MONTENEGRO, Antônio Torres... et al História: Cultura e sentimento – Outras Histórias do Brasil.. – Co-edição – Recife: Ed. Uiversitária da UFPE; Cuiabá: Ed. Da UFMT, 2008.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. História & História Cultural. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

RAGO, Margareth. Do Cabaré ao lar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

REIS, José Carlos. *A Escola dos Annales:* a inovação em história. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). *O que é, afinal, estudos culturais?* 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

VEYNE, Paul. *Como se Escreve a História.* 3 ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995